

Conte algo que não sei

'As pessoas hoje veem bichos como família'

Enrico Jardim Clemente Santos, biocientista

Especialista no tratamento com células-tronco em animais, o pesquisador é presidente de empresa que investe na medicina veterinária regenerativa

"Sou mineiro, mas morei no Rio de Janeiro por 14 anos. Fui para Campos dos Goytacazes, onde me graduei e fiz mestrado. Depois fiz doutorado em São Paulo. Já trabalhando com células-tronco desde 1995, observei a possibilidade de utilizar a tecnologia em pequenos e grandes animais"

ANA BRANCO



ENTREVISTA A:

ANTONELLA ZUGLIANI

antonella.zugliani@infoglobo.com.br



- **Conte algo que não sei.**

Muitas pessoas perguntam sobre a terapia celular com células-tronco em humanos. Poucas pessoas sabem, no entanto, que essa tecnologia já está disponível hoje para gatos, cachorros, cavalos e outros bichos. Tanto aqui como no exterior, isso é fato. Mas, no Brasil, ainda não há legislação específica para o uso da técnica em animais.

- **O que a técnica permite?**

Ela surge como uma possibilidade de se tratar diversas doenças que acometem os animais e que hoje são incuráveis e só têm tratamentos paliativos. Por exemplo, em doenças osteoarticulares a aplicação ameniza a dor devido à potente capacidade anti-inflamatória dessas células. Então, os bichos que demoram a andar ou têm dificuldade ao se levantar passam a ter uma vida normal.

- **Há mais demanda para que tipos de animais?**

As pessoas hoje veem os bichos como membros da família. Quando optam por ter filhos tardiamente ou não ter, vão integrando animais. Eu, por exemplo, tenho e sei como é. Qualquer coisa que acontece com a minha cachorra minha mãe diz: "Vamos tratar com células-tronco!", e eu digo que não é bem assim (risos).

- **Muito da resistência à técnica ocorre pela questão da religião. Até que ponto ela pode interferir na produção científica?**

A maioria acha que só há a célula-tronco embrionária. As pessoas não têm conhecimento, porque não é divulgado, sobre a utilização das células-tronco adultas. Elas são obtidas do tecido adiposo no momento em que a mulher faz a lipoaspiração, por exemplo. Da gordura podem ser isoladas as células-tronco.

- **Há alguma história de tratamento que tenha marcado mais?**

O pessoal sempre fala que a primeira vez é a que marca mais (risos). Teve a Raika, uma pequinês que apresentou aplasia medular, fez aplicações aos três anos e agora está com sete anos e bem, e não precisou mais de transfusões sanguíneas.

- **O animal deve passar por alguma avaliação para garantir a necessidade desse tipo de tratamento?**

Sim. O primeiro passo é realizar uma avaliação clínica do médico veterinário. Por exemplo, animais que estão em fase de infecção não são submetidos à terapia com células-tronco. São inicialmente tratados com relação à infecção e depois iniciam o tratamento. Animais que têm câncer também não podem receber o tratamento, pois

elas têm a característica de criar vasos sanguíneos, e isso é tudo que um tumor quer para sair de um órgão e ir para outro se disseminar.

- **No futuro, com essa discussão jurídico-moral, como será o cenário do uso de células-tronco?**

Acho importante destacar que a terapia com células-tronco não é um milagre que irá resultar na cura de todas as doenças. Acredito, sim, que será efetiva no tratamento de diversas delas.

- **Quais serão?**

A diabetes e as lesões pulmonares e as cardiovasculares são as mais promissoras. Esses dados vêm sendo apresentados de forma consistente tanto em congressos como na literatura científica, o que sugere que em breve pode vir a ser uma realidade tanto em animais como em humanos.